

OS GUINNESS



A CARTA MAGNA DA HUMANIDADE

A FÉ REVOLUCIONÁRIA DO SINAI

E O FUTURO DA LIBERDADE

Clichês à parte, os Estados Unidos estão em uma encruzilhada. Será o espírito de 1776 (da Revolução Americana) ou o espírito de 1789 (da Revolução Francesa) que nos servirá de inspiração para atravessarmos as turbulências e as crises dos anos recentes? Os Guinness nos faz recuar ainda mais até a revolução original da liberdade, o Êxodo. O autor analisa o quadro geral com as lentes certas, as da Bíblia, e fala da influência construtiva das Escrituras sobre os ideais fundadores dos Estados Unidos (1776). Ele é o nosso Tocqueville, um estrangeiro que nos conhece melhor do que nós mesmos.

Douglas Groothuis, professor de Filosofia no Denver Seminary, Colorado, Estados Unidos.

Esse livro deve ser lido por todos os que se preocupam com o futuro dos Estados Unidos e da civilização ocidental. Ao fazer a advertência de que as liberdades ocidentais estão sob ameaça, Os Guinness não está lançando uma convocação raivosa às armas da guerra cultural, mas, sim, fazendo uma defesa racional e convincente daquilo que fez os Estados Unidos e o Ocidente tão bem-sucedidos desde o início. O autor escreve com maestria e não poupa críticas ao que aflige o Ocidente pós-moderno. Seus argumentos serão — e devem ser mesmo — debatidos acaloradamente, mas não devem ser ignorados.

Rob Gifford, editor sênior, *The Economist*.

Na análise penetrante de Os Guinness, o Êxodo dos judeus da escravidão no Egito paira acima de todas as revoluções humanas, revelando de forma surpreendente a natureza e o poder do autor divino da liberdade. Os Guinness bebe da fonte profunda da Escritura e, de modo especial, da sabedoria rabinica para refletir sobre a natureza de Deus, que afirma a extraordinária singularidade e a dignidade inalienável dos indivíduos. Com seu vasto conhecimento e *insights* fascinantes, o autor nos conduz por uma crítica convincente das cosmovisões e filosofias que espreitam há séculos o cenário mundial e exorta enfaticamente a humanidade para que retorne à nascente, à “revolução do Sinai”, que deu vida e fôlego à poderosa visão de liberdade perfeitamente ordenada pela voz divina.

Ken Starr, ex-presidente da Universidade Baylor, Texas, Estados Unidos.

DOM [lat.: *Deo optimo maximo*, “A Deus, o melhor e o maior”]

E a Jenny,

Minha amada, minha amiga e deleite do meu coração.

E com sincera gratidão ao rabino Lord Jonathan Sacks,

cuja sabedoria brilhante, criativa e frutífera é

uma bússola e um farol no presente caos.

E a todos os que anseiam e se esforçam por um futuro

mais radiante para a humanidade de nosso tempo.

Deixa meu povo ir!

MOISÉS AO FARAÓ DO EGITO, ÊXODO

E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.

JESUS DE NAZARÉ, EVANGELHO DE JOÃO

*Se perguntarem a alguém de nossa nação sobre nossas leis,
ele as recitará prontamente como se lhe perguntassem seu nome.
O resultado de nossa rigorosa educação em nossas leis desde o alvorecer da
inteligência é que elas estão, por assim dizer, gravadas em nossa alma.*

JOSEFO, CONTRA APION

*Um homem bom, embora escravo, é livre; um ímpio, embora rei, é escravo.
Porque ele serve não apenas a um homem, mas, o que é pior,
a tantos senhores quantos são seus vícios.*

AGOSTINHO DE HIPONA, A CIDADE DE DEUS

*Liberdade é o homem que vai virar o mundo de cabeça para baixo;
não é de admirar, portanto, que ele tenha inimigos.*

GERRARD WINSTANLEY, A WATCHWORD TO THE CITY OF LONDON

[Um lema para a cidade de Londres]

*Duvido muito, muito mesmo, que a França esteja pronta para a liberdade em
qualquer nível. Os homens estão preparados para a liberdade civil na exata
proporção de sua disposição em colocar correntes morais sobre seus apetites; na
proporção em que seu amor pela justiça esteja acima de sua ganância; na proporção
em que sua integridade e sobriedade de entendimento estejam acima da vaidade
e da presunção; na proporção em que estejam mais dispostos a ouvir os conselhos
dos sábios e bons, em vez da adulação dos canalhas. Não pode haver sociedade
a menos que se estabeleça em algum lugar um poder que controle a vontade e
o apetite, e quanto menos dele houver internamente, tanto mais terá de haver
externamente. Está ordenado na constituição eterna das coisas que homens de
espírito descomedido não podem ser livres. Suas paixões são suas algemas.*

EDMUND BURKE, CARTA A UM MEMBRO DA ASSEMBLEIA NACIONAL

Insisto que os hebreus contribuíram mais para educar os homens do que qualquer outra nação. Se eu fosse ateu, e cresse no destino eterno cego, ainda assim creeria que o destino ordenou que os judeus fossem o instrumento mais essencial para civilizar as nações [...] Eles formam a nação mais gloriosa que jamais habitou esta terra. Os romanos e seu império foram nada mais do que uma bolha em comparação aos judeus.

JOHN ADAMS, CARTA A F. A. VAN DER KEMP, 1808

Ninguém está mais irremediavelmente escravizado do que aquele que se julga livre sem o ser.

JOHANN WOLFGANG VON GOETHE, AS AFINIDADES ELETIVAS

As monarquias absolutas desonraram o despotismo; cuidemos para que as repúblicas democráticas não o reabilitem.

ALEXIS DE TOCCQUEVILLE, DA DEMOCRACIA NA AMÉRICA

Desde o Êxodo, a liberdade fala com sotaque hebraico.

HEINRICH HEINE, A ALEMANHA PARA LUTERO

Do que não abriremos mão pela liberdade?

FIÓDOR DOSTOIÉVSKI, RECORDAÇÕES DA CASA DOS MORTOS

Está próximo o tempo em que teremos de pagar por termos sido cristãos por dois mil anos.

FRIEDRICH NIETZSCHE, VONTADE DE POTÊNCIA

A liberdade está no coração de homens e mulheres; quando ela morre, não há constituição nem lei nem tribunal que possam salvá-la; nenhuma constituição, nenhuma lei, nenhum tribunal lhe servirão de muita ajuda.

JUIZ LEARNED HAND, 1944

Os altos edifícios da cidade de Nova York nos impressionam. No entanto, seus verdadeiros alicerces não são as pedras de Manhattan nem o aço de Pittsburgh, mas a lei que veio do Sinai.

Os verdadeiros alicerces sobre os quais se erguem nossas cidades consistem em uma porção de ideias espirituais.

ABRAHAM JOSHUA HESCHEL, MORAL GRANDEUR AND SPIRITUAL AUDACITY [GRANDEZA MORAL E OUSADIA ESPIRITUAL]

Se não cumprirmos as promessas que fizemos uns aos outros e permitirmos que se percam os princípios da aliança, então teremos perdido tudo, porque eles são quem somos.

JOHN SCHARR, LEGITIMACY AND THE MODERN STATE [LEGITIMIDADE E O ESTADO MODERNO]

O mundo ocidental chegou a um momento decisivo. Nos próximos anos, ele colocará em risco a existência da civilização que o criou. Creio que ele não tem consciência disso. O tempo erodiu sua noção de liberdade.

Vocês conservaram a palavra e inventaram uma ideia diferente. Esqueceram-se do significado de liberdade.

ALEXANDER SOLZHENITSYN, WARNING TO THE WEST [ADVERTÊNCIA AO OCIDENTE]

Para defender um país, precisamos de um exército. Mas para defender uma sociedade livre, precisamos de escolas. Precisamos de famílias e de um sistema educacional em que os ideais sejam transmitidos de uma geração para outra, e jamais sejam perdidos, desprezados e obscurecidos. Nunca houve uma compreensão mais profunda da liberdade. Moisés estava dizendo que não é difícil obter a liberdade, mas preservá-la é obra de centenas de gerações. Basta esquecê-la para perdê-la.

RABINO JONATHAN SACKS, CONVENANT AND CONVERSATION: EXODUS [ALIANÇA E DIÁLOGO: ÊXODO]

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	15
INTRODUÇÃO: De cabeça para baixo ou na posição correta?.....	17
1 Eu Serei quem Serei: a grande revelação	49
2 Igual ao absolutamente diferente: a grande declaração	97
3 A leste do Éden: a grande alienação	141
4 Deixa meu povo ir: a grande libertação	173
5 Libertos para viver juntos em liberdade: a grande constituição	191
6 Passando adiante: a grande transmissão	225
7 Endireitando o que está errado: a grande restauração (parte 1).....	251
8 Endireitando o que está errado: a grande restauração (parte 2).....	283
CONCLUSÃO: Um novo, novo nascimento da liberdade?	313
ÍNDICE DE AUTORES.....	323

AGRADECIMENTOS

COMENTA-SE QUE BLAISE PASCAL costumava dizer que os autores deveriam falar “nosso livro”, e não “meu livro”, pois “em geral há mais nele que pertence a outros do que a nós mesmos”.¹ Isso se aplica ainda mais a este livro do que a qualquer outro que já escrevi. Em primeiro lugar, este foi o mais espontâneo. Como eu estava decidido a escrever um livro completamente diferente, a ideia e o conteúdo desta obra vieram-me praticamente completos, como se alguém os tivesse ditado a mim. Mas, além disso, este livro deve tudo ao rabino Lord Jonathan Sacks, como a leitura deixará claro. (A morte prematura do rabino Sacks em novembro de 2020, no período em que eu finalizava este livro, foi de uma tristeza enorme. Alegro-me por ele ter visto um esboço desta obra antes de adoecer, de modo que pôde observar como eu e outros consideramos grandiosa a contribuição dele para a liberdade.) Por esses motivos, agradeço especialmente aos que me incentivaram no que parecia uma tarefa um tanto pretensiosa. De modo especial, tenho uma dívida de gratidão com as seguintes pessoas.

Agradeço a Dan e Lori Frost, Troy e Angelique Grieppe, Ann Holladay, Bob e Diane Kramer, Stuart e Celia McAlpine, Dick e Becky Molenhouse, Dick e Mary Ohman, Dean e Linda Overman, Ryon e Jan Paton, David e Suzy Young, por sua amizade e constante encorajamento.

Agradeço a Seamus Merrigan, meu inestimável assistente, por sua imensa ajuda com milhares de tarefas, especialmente nos momentos em que socorreu este pateta tecnológico.

¹Blaise Pascal, *Pensées* 913, tradução para o inglês de A. J. Krailsheimer (London: Penguin, 1995), p. 330 [publicado em português por Nova Cultural sob o título: *Pensamentos*].

Agradeço a Dennis Clarke, Kevin e Bonnie McKernan, Steve Moore e Dick Ohman pela disposição com que leram os primeiros esboços deste livro e por suas críticas extremamente úteis. Nem é preciso dizer que a responsabilidade final por esta obra é minha, particularmente naqueles aspectos em que alguns deles podem ainda discordar fortemente de mim.

Sou grato a Erik Wolgemuth, meu agente tão cordial, qualificado e incansável, por todo o seu entusiasmo e tremendo empenho a favor deste livro.

Agradeço a Al Hsu, Jeff Crosby, Drew Blankman, Justin Paul Lawrence, Lori Neff, David Fassett, Ellen Hsu, Krista Clayton e toda a equipe da InterVarsity Press. Tenho uma dívida eterna com vocês pela combinação de suas habilidades, sabedoria e seu encorajamento cordial.

E, mais do que tudo, sou grato a Jenny e CJ, minha esposa e meu filho, por sua lealdade, seu apoio, suas sugestões e críticas incansáveis, e pelo amor com que acompanham minhas palestras e meu trabalho literário como tudo o mais na vida. Ao dedicar este livro a Jenny, ao lado do rabino Sacks, deixo aqui apenas uma indicação de tudo o que devo à minha esposa por meio século de vida e de amor juntos.

INTRODUÇÃO

DE CABEÇA PARA BAIXO OU NA POSIÇÃO CORRETA?

“FILHO, ESTAMOS COM PROBLEMAS. Chiang Kai-shek acabou de abandonar a cidade. Estamos à mercê do Exército Vermelho”. As palavras do meu pai no início de 1949 ficaram indelevelmente impressas na minha mente. Eu tinha sete anos e meio de idade e morávamos em Nanquim (Nanjing), capital de Kuomintang, que tinha o apoio do Ocidente e era também conhecido como governo nacionalista da China. Havíamos conhecido o Generalíssimo e a Madame Chiang, testemunhado o empacotamento apressado das coisas nas embaixadas ocidentais e sentido a pressão do nó que ia lentamente apertando o entorno da cidade. Logo, o Exército de Libertação Popular, liderado pelo impiedoso Lin Biao, invadiria a cidade e sujeitaria a população atemorizada que os japoneses haviam tratado com crueldade doze anos antes, durante o terrível Estupro de Nanquim.

A Guerra Civil Chinesa havia chegado ao fim. A República Popular da China saía vitoriosa. A quinta grande revolução moderna da história fora bem-sucedida. O comunismo havia assumido o controle do país mais populoso do mundo. Os alto-falantes foram instalados. Começaram os julgamentos. Houve execuções. O medo e o terror dominavam. Amigos que nos conheciam bem não podiam mais dizer que éramos conhecidos porque temiam por suas vidas, e a população local que uma semana antes nos tinha parecido tão amigável urrava agora por nosso sangue. “Morte aos demônios estrangeiros de olhos azuis!” era a saudação que ouviríamos se nos aventurássemos a sair de casa. O horror da revolução chinesa de Mao Tsé-tung, em que dezenas de milhões de seus compatriotas encontraram seu fim, estava em andamento. Meu pai foi acusado e denunciado publicamente

com falsas incriminações, e muitos amigos dos meus pais foram executados, presos ou perseguidos. A violência do reino de terror era por si só aterrorizante, mas, como sabiam os comunistas, o verdadeiro terror que mantinham sobre a cidade era o terror implícito de quem seria o próximo ou do que viria a seguir.

Anos mais tarde, quando eu era um estudante em Oxford, conheci o renomado filósofo judeu Isaiah Berlin na All Souls College. Curiosamente, ele havia testemunhado a Revolução Russa de 1917 com a mesma idade com que eu testemunhara a Revolução Chinesa. Havia uma lembrança que o horrorizara mais do que as outras ao caminhar por São Petersburgo — na época, Petrogrado — na companhia de sua governanta: o espetáculo de um policial sendo arrastado e linchado por uma multidão. Isso o deixaria com horror a multidões e à violência física pelo resto da vida.

Ao compararmos as lembranças dos dois garotinhos de sete anos que testemunharam parte das duas grandes revoluções do século 20, com três décadas de diferença entre uma e outra (1917 e 1949), não houve discordâncias na mesa do refeitório² da All Souls College. Nós dois fomos marcados por toda a vida pelo marxismo do século 20, e certas conclusões eram inquestionáveis. Em primeiro lugar, as revoluções comunistas, com sua repressão totalitária, foram um mal que só tinha correspondência na história contemporânea com o nacional-socialismo de Adolf Hitler (Stálin, Hitler e Mao estabeleceram o padrão da ditadura contemporânea); em segundo lugar, as duas revoluções anglófonas, ainda que diferentes, pois a revolução inglesa foi malsucedida, e a norte-americana, vitoriosa, estavam unidas na perspectiva peculiar da liberdade ordenada. Portanto, sempre se mantiveram firmes contra os totalitarismos revolucionários de direita e de esquerda, conforme demonstraram em sua atuação durante a Segunda Guerra Mundial; e, em terceiro lugar, o socialismo, independentemente de sua forma, era algo impensável nos Estados Unidos, porque o americanismo e o sonho americano eram ideias substitutas poderosas que tornavam supérfluo o apelo socialista.

Não é de espantar que, cinquenta anos depois, como admirador da grande experiência americana de liberdade, eu ficasse perplexo ao testemunhar os eventos recentes ocorridos nos Estados Unidos. Em briga de família, os intrometidos

²Em inglês: *high table*. A “high table” é uma mesa no refeitório de cada uma das faculdades de Oxford, geralmente situada acima de uma plataforma, em que o diretor faz suas refeições com os membros daquela faculdade. Às vezes, pessoas de fora podem ser convidadas para participar da *high table*. (N. do E.)

nunca são bem-vindos; mas há ocasiões em que o silêncio é impossível. Enquanto escrevo, vozes importantes têm preconizado uma revolução radical de um tipo diferente. O surgimento de protestos legítimos contra o racismo irromperam em violência, saques, incêndios criminosos e anarquia. Vastos segmentos da sociedade americana parecem incapazes ou relutantes em condenar a violência e defender sua própria revolução — muitos estão profundamente envergonhados e se opõem a ela. Evidentemente, a ira destrutiva nada mais é do que a expressão ativista das ideias radicais que convulsionaram escolas, faculdades, universidades e amplos círculos intelectuais dos Estados Unidos nos últimos cinquenta anos. Se 2020 foi “o ano dos Cisnes Negros”, então ele foi uma reprise de 1968, “o *annus calamitosus* [ano calamitoso] da década de 1960”; agora, porém, já com meio século de fermentação.

As vinhas da ira estão maduras outra vez. A grande república americana está tão profundamente dividida hoje quanto esteve em qualquer momento pouco antes da Guerra Civil Americana. Desta vez, porém, nenhum Abraham Lincoln se prontificou a tratar dos males, a apelar à Declaração de Independência, a defender o anjo bom do caráter americano, a demonstrar a grandeza do “governo do povo, pelo povo, para o povo” em nossa época, proclamando “um novo nascimento da liberdade”. É surpreendente também que as raízes mais profundas da presente divisão estejam nas ideias e nos ideais de uma revolução que se opõe categoricamente à Revolução Americana. Em uma geração, os Estados Unidos foram enfeitiçados por ideias e ideais em nada devidores a 1776 e à Revolução Americana, e em tudo devidores a 1789 e à Revolução Francesa. Resumindo, em parte mediante um projeto, em parte movido por impulso, os Estados Unidos parecem estar abandonando os ideais da Revolução Americana, trocando-os por ideias desastrosas não apenas ao país, mas também à liberdade e ao futuro da humanidade.

A CARTA MAGNA DA HUMANIDADE

Este livro é uma reação à crise norte-americana de um admirador inabalável e de longa data da experiência americana. Três temas principais perpassam minha argumentação. Em primeiro lugar, a crise americana é uma crise de liberdade e deve ser entendida assim. Em conformidade com o conceito de Agostinho de Hipona de que as nações devem ser compreendidas e avaliadas por aquilo a que dedicam seu amor supremo, e não por fatores como o tamanho de sua população e a força de seus exércitos, não há dúvida de que os Estados Unidos amam

acima de tudo a liberdade. A liberdade americana, em especial, é um conceito singular de liberdade ordenada herdado das Escrituras Hebraicas e da aliança dos hebreus em particular. Portanto, a crise atual de liberdade nos remete ao âmago da república americana e a tudo o que a experiência americana representa. Trata-se de uma crise cujo desfecho se mostrará tão decisivo quanto a Guerra Civil. É também uma crise global no sentido de que seu resultado será fundamental para as perspectivas futuras de liberdade de todos os homens.

Em segundo lugar, a crise atual resulta do fato de que, no decurso dos últimos cinquenta anos, os principais grupos da sociedade americana trocaram de lealdades e agora apoiam ideias mais próximas da Revolução Francesa e de seus herdeiros do que da Revolução Americana. As duas revoluções compartilham o mesmo nome, *revolução*, e ocorreram no mesmo século, o dezoito, mas são decisivamente diferentes em quase todos os aspectos: fontes, pressupostos, políticas, narrativas e resultados. Essas diferenças significam que a escolha entre as duas revoluções será decisiva para os Estados Unidos e para a liberdade. O que Lincoln proclamou em junho de 1858, quando foi nomeado candidato do Partido Republicano para o senado, é novamente verdade. Ele ecoou Jesus de Nazaré e aplicou à sua época o argumento que é novamente verdadeiro nos dias de hoje. “Uma casa dividida não pode permanecer de pé”.³ *Os Estados Unidos não podem suportar permanentemente essa condição de seguir, em parte, “1776” e, em parte, “1789”.*

Em terceiro lugar, chegou a hora de novo impulso global a favor da liberdade e de justiça para a humanidade. As deficiências e as falhas políticas dos últimos séculos ficaram evidentes, especialmente no que se refere ao vácuo que caracteriza boa parte do liberalismo tradicional e ao horror de grande parte do esquerdismo radical. A melhor estratégia para os Estados Unidos e o mundo daqui para frente passa necessariamente pela redescoberta e por uma nova investigação do que chamo de Revolução do Sinai. Historicamente, foi a Revolução do Êxodo, e não a Revolução Francesa, que inspirou o espírito de liberdade ordenada da América, ou da liberdade pactual e constitucional. Portanto, a redescoberta dos princípios fundacionais da Revolução do Êxodo é o segredo antigo e futuro da verdadeira fé revolucionária e um caminho seguro em direção à liberdade, à justiça, à igualdade e à paz.

³Abraham Lincoln, citado em Allen C. Guelzo, *The crisis of the American Republic: a history of the Civil War and Reconstruction Era* (New York: St. Martin's Press, 1995), p. 78.

Esses ideais não são meros clichês e precisam se tornar novamente realidades concretas para as gerações futuras. Contudo, embora muitos que clamam por uma revolução radical e revolucionária prometam essas coisas, há necessidade urgente de torná-las concretas, e o caminho mais seguro para fazê-lo está no que foi dito anteriormente, nos princípios e nas práticas da Revolução do Êxodo. Quando discernida corretamente, não há rival para a Revolução do Êxodo em seu entendimento realista e construtivo de liberdade. O *Sinai*, e não *Paris*, representa esse farol de liberdade que deveria ser reconhecido como nada menos do que a Carta Magna da humanidade.

Todo aquele que não tenha se deixado ensurdecer pelo barulho incessante da atual politicagem e da guerra cultural, bem como não tenha se deixado hipnotizar triplamente pelas telas de celulares, computadores e televisores, sabe muito bem que passamos hoje pelo momento mais extraordinário dos acontecimentos mundiais no que diz respeito ao futuro da humanidade, ao mundo como um todo, à civilização ocidental e à sua principal sociedade, a grande república americana. Este livro, portanto, trata da crise atual como parte da grande busca humana pela liberdade. Ele ainda vai além da análise ao argumentar que é necessária uma redescoberta corajosa da visão de liberdade que no passado contribuiu para dar forma às revoluções em língua inglesa, e essa visão poderia ser agora um farol para os povos do mundo todo.

1776 VERSUS 1789

Mas deixe-me tirar um pouco o pé do acelerador. À medida que o mundo emerge da pandemia do coronavírus, surgem duas perguntas muito profundas: Os americanos percebem os contornos do mundo futuro a que foram expostos? Os Estados Unidos se comportarão agora de maneira mais humilde? Nem a história nem a existência humana devem ser tomadas como garantidas. A passagem do anjo da morte destruiu muitas dádivas contemporâneas de importância secundária, como o conforto e a comodidade, mas abalou também a cidadela central do ídolo do domínio, do controle e da autoconfiança. Apesar de toda a nossa razão, ciência, tecnologia, gestão e erudição, a existência humana nunca está sob pleno controle do ser humano. O que a história sempre ensinou quanto ao tempo, a globalização agora nos ensina quanto ao espaço. A presunção sempre deve ser advertida a prestar atenção a horizontes mais amplos e perspectivas mais vastas. As alegações impensadas de